



MARIANA ALVES RIBEIRO

**O “TRABALHO” NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA:
POSSIBILIDADES NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES A
PARTIR DE UMA PESQUISA NO ENTORNO DA ESCOLA**

LAVRAS – MG

2022

MARIANA ALVES RIBEIRO

**O “TRABALHO” NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA: POSSIBILIDADES NA
FORMAÇÃO DE PROFESSORES A PARTIR DE UMA PESQUISA NO ENTORNO DA
ESCOLA**

Monografia apresentada à Universidade Federal de
Lavras, como parte das exigências do Curso de
Ciências Biológicas, para a obtenção do título de
licenciado.

Prof (a). Dr (a). Marina Battistetti Festozo
Orientador(a)

LAVRAS – MG

2022

MARIANA ALVES RIBEIRO

**O “TRABALHO” NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA: POSSIBILIDADES NA
FORMAÇÃO DE PROFESSORES A PARTIR DE UMA PESQUISA NO ENTORNO DA
ESCOLA**

**THE “WORK” IN CRITICAL ENVIRONMENTAL EDUCATION: POSSIBILITIES IN
TEACHER TRAINING BASED ON A RESEARCH IN THE SURROUNDINGS OF THE
SCHOOL**

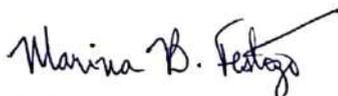
Monografia apresentada à Universidade Federal de
Lavras, como parte das exigências do Curso de
Ciências Biológicas, para a obtenção do título de
licenciado.

APROVADO em 15 de setembro de 2022.

Dra. Marina Battistetti Festozo, UFLA

Me. Ricardo Campos Queixas, UFLA

Me. Laise Vieira Gonçalves Ribeiro, UNESP



Prof (a). Dr (a). Marina Battistetti Festozo

Orientador (a)

LAVRAS – MG

2022

*Aos meus pais que nunca mediram esforços
pela nossa felicidade, dedicarei não apenas
este trabalho, mas todas as minhas conquistas.*

AGRADECIMENTOS

Não é fácil agradecer em tão pouco espaço todas as pessoas que me auxiliaram neste caminho, porque eu necessitaria de no mínimo um livro para citar desde a vendedora de café da cantina central da UFLA até o “estranho” do doutorado em microbiologia que conversou comigo num dia em que eu não estava bem. Entretanto, na impossibilidade de gratificar a todos, vou me ater àqueles que estiveram comigo durante mais tempo.

Primeiramente, agradeço aos meus pais, Silvio e Rosângela, que sempre lutaram para que eu e minha irmã nos tornássemos pessoas boas e felizes. Eu sei que ninguém no mundo faria por mim o que vocês fazem e me emociono ao pensar na sorte que tenho em ter vocês como pais. Jamais vou esquecer da vez que fiquei mal em Lavras e meu pai faltou no serviço para me buscar numa quarta-feira de manhã para que eu pudesse passar alguns dias em casa. Está para nascer homem mais atencioso e responsável que este Silvio, batalhador, de bem, honesto, carinhoso, me faltam adjetivos para descrevê-lo, assim como minha mãe. A Rosângela é uma mulher forte e doce, o amor e atenção que ela nos dedica é incondicional, é preocupada até demais! Mas sei que é por amor. Seria impossível não começar por eles estes agradecimentos, do fundo do meu coração, muito obrigada.

Agradeço à minha irmã por ter sempre sido meu braço direito e esquerdo. Nossa pouca diferença de idade nos tornou praticamente carne e unha e minha vida não teria a menor graça sem ela. Suspeito que se não fosse por ela, eu nem teria roupas para vestir porque 90% foram presentes dela para mim. Mesmo distante, nossa sintonia é única e qualquer conquista minha, também é dela, por isso é necessário especificar sua importância na minha vida.

Agradeço à minha gata Agnes por me acompanhar desde o princípio. Ela surgiu na minha vida em um momento muito delicado em que eu não tinha a menor ideia de como seguir. E quando me mudei de cidade para cursar a faculdade, não havia sequer a possibilidade de ficar sem ela. Ela esteve comigo nos meus melhores e piores momentos, e por isso merece um espaço especial neste agradecimento. Te amo, pequena.

Aos meus avós que, mesmo indiretamente, estiveram presentes e influenciaram todo o meu processo de formação e amadurecimento. É clichê e óbvio dizer que sem eles, eu não estaria aqui, mas o carinho que sempre tiveram comigo foram fundamentais para que eu fosse quem eu sou hoje. Uma menção especial à minha avó Otália, que não está mais entre nós, mas que está presente no meu coração para sempre. Incluo aqui também todos os meus demais familiares, tios, primos, tios-avós, tios-bisavós, primos distantes e agregados (minha família é grande, mas felizmente somos todos próximos).

Agradeço ao meu companheiro de vida por sempre me apoiar e me incentivar a seguir meus sonhos. Maurício me acompanhou desde o começo e mesmo no início não sendo como namorado, foi fundamental para que eu conseguisse passar em Cálculo. Portanto não tem como eu finalizar este ciclo sem reconhecer sua paciência e companheirismo comigo! Nos momentos bons e ruins ele era uma constante e juntos formamos uma bela dupla.

Agradeço aos meus amigos por estarem sempre comigo, rindo e chorando juntos. O Ju e a Thati, por serem as melhores pessoas com quem eu poderia ter vivido. Nós não éramos apenas colegas de casa, nós éramos a família um do outro. Nunca vou esquecer nossos cafés, nossos encontros em casa, nossos perrengues, enfim, estão guardados para sempre no meu coração, cada momentinho que tivemos juntos. Um agradecimento breve também aos pais dessas preciosidades por terem criado pessoas tão brilhantes para que eu pudesse aproveitar o

resultado! E também não posso deixar de falar dos meus pequenos, Charles e Luna, vocês foram, junto com a minha pequena, pedrinhas fundamentais.

Agradeço os meus amigos de Lavras, mais especificamente o meu grupo “Biomaneiros”, que depois de muitos ajustes, ficou a nossa cara. Bió, Larigaga, Aris, Carlos, Enzo, Artur, Felipe, Zé, Ju, Larissinha, Thati e Otávio, vocês são muito preciosos, minha eterna gratidão por todos os momentos que tivemos e que ainda teremos, amo vocês. Aproveito aqui também para agradecer todos os meus colegas de turma, que indiretamente também corroboraram para minha formação, assim como meus amigos de Itajubá. Teria sido tudo muito mais difícil sem vocês como meus parceiros, em especial minha metadinha Cynthia e minha prima Regy.

Eu não poderia deixar de agradecer também meus professores, desde a infância. Eu sempre soube da importância destes profissionais, mas agora vejo com ainda mais clareza o quanto são necessários. Um agradecimento especial aos professores que marcaram minha graduação, como os professores Antônio e Vanderlei e a professora Marina, eu nunca me esquecerei de vocês, muito obrigada!

Como bolsista de monitoria e de residência pedagógica, agradeço às instituições financiadoras, como a CAPES, que incentivam a formação e a pesquisa, auxiliando o estudante a se reconhecer como parte de um projeto maior e necessário.

Eu poderia citar mais diversas pessoas e instituições, entretanto este trabalho ficaria muito extenso. Em resumo, agradeço a todos que passaram pela minha vida e que de alguma forma influenciaram a pessoa que me tornei.

*“A primeira condição para modificar a realidade
consiste em conhecê-la.” (Eduardo Galeano)*

RESUMO

Uma educação ambiental (EA) que não analisa questões sociais e políticas não é capaz de fornecer uma reflexão sobre a raiz dos problemas envolvendo o ambiente. O estudo das relações sociais e de produção da vida por meio do trabalho é fundamental para compreender a ligação histórica que o ser humano estabelece com a natureza e para além disso, apontar enfrentamentos à crise ambiental, sintoma de uma crise mais ampla, civilizatória. Na formação de professores mais especificamente, sujeitos essenciais à abordagem da EA na escola, é importante que a abordagem da EA não seja fragmentada e desconectada da realidade em que professores e estudantes estão imersos. Assim, compreender e analisar a relação entre a escola, a comunidade e o ambiente do seu entorno em sua construção histórica, principalmente a partir da questão do trabalho, é uma de nossas apostas para formação de professores e cidadãos críticos e engajados. Diante destas preocupações, objetivamos neste trabalho descrever e analisar parte de um processo formativo de professores (formação inicial e continuada), membros de um Projeto de Residência Pedagógica de Biologia, UFLA, que ocorreu a partir da construção e realização de uma pesquisa participante, um mapeamento ambiental, com a comunidade do entorno de uma escola municipal de Lavras-MG. Por meio da pesquisa participante e da análise de conteúdo, observou-se através das entrevistas realizadas na comunidade escolar, que o estudo das relações de trabalho, assim como as demais particularidades da comunidade local podem trazer elementos de grande relevância para o exercício da educação ambiental crítica, principalmente no contexto da formação inicial e continuada de professores.

Palavras-chave: Formação de Professores. Mapeamento Ambiental. Educação Ambiental Crítica. Residência Pedagógica.

ABSTRACT

An environmental education (EE) that does not analyze social and political issues is not able to provide a reflection on the root of problems involving the environment. The study of social relations and the production of life through work is essential to understand the historical connection that human beings establish with nature and, in addition, to point out confrontations with the environmental crisis, a symptom of a broader, civilizational crisis. In the training of teachers, more specifically, essential subjects for approaching EE at school, it is important that the EE approach is not fragmented and disconnected from the reality in which teachers and students are immersed. Thus, understanding and analyzing the relationship between the school, the community and the surrounding environment in its historical construction, mainly from the issue of work, is one of our bets for the formation of critical and engaged teachers and citizens. Faced with these concerns, we aim in this work to describe and analyze part of a training process for teachers (initial and continuing education), members of a Biology Pedagogical Residency Project, UFLA, which took place from the construction and realization of a participatory research, a environmental mapping, with the community surrounding a municipal school in Lavras-MG. Through participatory research and content analysis, it was observed through interviews carried out in the school community that the study of work relationships, as well as other particularities of the local community can bring elements of great relevance to the exercise of environmental education. critical, especially in the context of initial and continuing teacher education.

Keywords: Teacher Training. Environmental Mapping. Critical Environmental Education. Pedagogical Residence.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Saída de campo na universidade.....	23
Figura 2 – Primeira visita ao bairro.....	24
Figura 3 – Rio que atravessa o bairro.....	25
Figura 4 – Lixo em local indevido.....	25
Figura 5 - Grafite feito em um muro do bairro.....	26
Figura 6 - Área aberta, próxima ao rio.....	26
Figura 7 - Muro da escola.....	26

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Categorias, descrição e frequência.....	27
--	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
1.1	Referencial teórico.....	14
2	DESENVOLVIMENTO.....	20
2.1	Metodologia.....	20
2.2	Resultados e discussão.....	22
2.2.1	Concepção de trabalho.....	27
2.2.2	O trabalho voluntário dissociado do conceito de “emprego”.....	28
2.2.3	Os espaços naturais como refúgio no tempo de lazer.....	29
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
	REFERÊNCIAS.....	34
	APÊNDICE A.....	37
	APÊNDICE B.....	38

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que embora a Educação Ambiental (EA) seja um tema transversal proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), dificilmente é trabalhada como eixo integrador dos componentes curriculares da escola, Teixeira (2013) traz com detalhes a falta de articulação da EA nestes ambientes e o esvaziamento das práticas educativas, muitas vezes impostas por currículos. De um modo geral, as questões relacionadas ao ambiente acabam sendo transformadas em conteúdos trabalhados apenas nas disciplinas de ciências, biologia e geografia, sustentadas no ensino de ecologia e conservação. Esta visão romântica da questão ambiental, pautada em mudanças individuais de comportamento não abrange os diversos aspectos que compõem o ambiente e tampouco promove uma reflexão sobre o processo de construção social e as influências que este tem na crise ambiental.

Para compreender a relação que o ser humano estabelece com a natureza e com o próprio homem, é necessário analisar de que maneira esta intervenção ocorre. O trabalho é o elemento distintivo do homem para os demais animais, os homens satisfazem as suas necessidades do corpo e do espírito através de uma atividade intencional (TREIN, 2012). Ou seja, o ser humano é capaz de estabelecer um objetivo e modificar o ambiente para cumprir o seu propósito. Tendo em vista o modelo de sociedade atual, em que a dominação da natureza está intimamente relacionada à exploração do próprio ser humano, é indispensável analisar as relações de trabalho na educação ambiental.

Levando em consideração que o processo educativo muitas vezes tem sido trabalhado de maneira fragmentada, que a EA frequentemente é conduzida de maneira ingênua através de uma extensão da ecologia, reproduzindo o atual modo de produção da vida, a formação de profissionais aptos a trabalharem numa perspectiva crítica é fundamental. A análise crítica do tempo presente exige esmiuçar duas dimensões de nossa realidade em uma dimensão histórica, precisamos compreender como temos nos relacionado com a natureza e como os seres humanos têm se relacionado entre si (TREIN, 2008).

O programa de Residência Pedagógica (RP), assim como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), são políticas nacionais que incentivam a formação docente, aproximando ainda mais os professores em formação da escola. Este incentivo é essencial para que o licenciando busque aperfeiçoar e aprimorar sua atuação como educador.

Como consequência da pandemia de Coronavírus, as atividades presenciais e a atuação dos professores em formação destes projetos ficou limitada, assim como toda a educação no país, surgindo a necessidade da elaboração de atividades que não incluíssem a entrada direta na escola. Sucedeu então a ideia de realizar uma pesquisa que envolvesse a comunidade escolar e o bairro em que a escola está situada, sem necessariamente precisar adentrar as instalações da instituição.

Assim, o presente trabalho tem como objetivo: descrever parte do processo formativo do Programa de Residência Pedagógica de Biologia, UFLA, realizado entre fevereiro e maio de 2022, que teve como eixo uma pesquisa qualitativa coletiva planejada e realizada pelo grupo de RP, seus bolsistas, professoras preceptoras e professora orientadora junto a comunidade escolar de uma Instituição Educativa do município de Lavras, Minas Gerais, e aprofundar na questão do “trabalho” como componente fundamental de compreensão e análise na educação ambiental crítica.

Para coletar informações sobre a comunidade, foi feito um mapeamento ambiental, como proposto por Meyer (1991), em que questões foram coletivamente elaboradas a fim de abranger os diversos aspectos que compõem a realidade local. Estas questões foram montadas na forma de um roteiro, que embora não fosse de cumprimento rígido, orientou uma série de entrevistas feitas no bairro. Objetivou-se montar uma coletânea de informações que permitisse uma leitura do ambiente local e demonstrar a importância de se compreender os diversos aspectos do ambiente para uma educação ambiental integradora, principalmente no contexto de Formação de Professores.

Este trabalho **objetiva** relatar e analisar todo o processo de construção coletiva da pesquisa no contexto de formação de professores, seu desenvolvimento e diante da diversidade e amplitude de conhecimentos reconhecidos/produzidos, aprofunda-se nas relações de trabalho na comunidade local como ponto fundamental para entender a relação estabelecida com o ambiente e com a própria humanidade. Para analisar os dados obtidos foi utilizada uma categorização por eixos temáticos com os elementos acerca do “trabalho” que apareceram com maior recorrência nas entrevistas, tais escolhas serão aprofundadas na descrição da metodologia dentro do tópico “Desenvolvimento”.

Espera-se que este trabalho seja elucidativo sobre a importância de analisar o ambiente em suas múltiplas dimensões para o exercício da EA Crítica, ao passo que dá voz às sabedorias populares, que são muitas vezes negligenciadas pela ciência, permitindo que o

próprio enunciador reflita sobre as contradições das relações na sociedade e busque participar das questões relevantes, das quais geralmente fica alheio.

1.1 Referencial teórico

A Educação Ambiental (EA) é um tema que surgiu em discussão principalmente a partir do século XX apoiado na demanda pela construção de um ideal ambientalista na sociedade. Entretanto, até a sua consolidação como proposta curricular, muitas vertentes dentro desta proposta educativa surgiram. Layrargues (2006) diz que a necessidade de estabelecer uma nova relação entre o ser humano e o ambiente para diminuir o quadro de degradação ambiental foi proposto primeiramente através de um anseio pela conservação desprovido de uma discussão política, pautado apenas em uma alteração comportamental do ser humano. Neste sentido, a educação ambiental não assumiria papel político e ideológico, não problematizaria as influências das doutrinas ideológicas clássicas que influenciam a construção social com valores e interesses, se pautando apenas na construção de uma consciência coletiva de que seria necessário restabelecer uma relação mais harmônica entre os seres humanos e a natureza. Esse fenômeno guarda íntima correlação com o analfabetismo político e sociológico da contemporaneidade (IDEM), que empobrece o debate e não traz a importância de se entender a relação do ser humano com o próprio ser humano e deste com a natureza.

No Brasil, o *debate ambiental* se instaurou no país em 1973, no âmbito do Estado, sob a égide do regime militar (LOUREIRO, 2008) principalmente por pressões internacionais. Este debate tinha uma intensa tendência para a conservação dos bens naturais, com forte sentido comportamentalista e tecnicista e voltada para o ensino de ecologia (LOUREIRO, 2008).

Essa abordagem conservadora voltada para a mudança de comportamento tende a criar uma visão instrumentalizada da educação ambiental, atribuindo a ela um papel de única capaz de criar um desenvolvimento sustentável dentro do sistema capitalista. Meyer (1991) ressalta que da forma com que esta questão é colocada corre-se o risco de ignorar pontos importantes como a grande desigualdade social que se tem no Brasil, causando grandes impactos sociais e culturais negativos.

Desde a década de 1970, a EA passou por vários caminhos em termos de legislação. Carvalho (2008) traça um percurso desde a recomendação para políticas públicas na I Conferência Internacional sobre o Meio Ambiente, em 1972, até a organização em âmbito nacional. Embora a questão já fosse uma preocupação, foi nas décadas de 80 e 90 que ela se expande no Brasil e se torna objeto de um conjunto significativo de políticas públicas e de agenda de movimentos sociais (CARVALHO, 2008). Carvalho (2006) detalha eventos importantes como a criação do Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA) em 1984, a inclusão do Meio Ambiente como direito de todos e dever do Estado na constituição em 1988 e a elaboração dos Parâmetros Curriculares pela Secretaria de Ensino Fundamental do MEC, em 1997, instituindo a EA como tema transversal.

Ao passo que a questão ambiental foi se destacando nos setores governamentais e científicos através de um viés comportamentalista, Loureiro (2008) destaca que outros eventos favoreceram a construção de uma Educação Ambiental complexa e diversificada no Brasil.

Na própria década de 1980, a aproximação de educadores afinados com a perspectiva pedagógica freireana e as pedagogias críticas [...] e, ainda, a entrada nas instituições de ensino superior de militantes ambientalistas com um perfil mais crítico e popular fizeram com que se materializassem propostas e ações que entendiam os problemas ambientais como decorrentes das relações sociais que nos constituem como indivíduos. (LOUREIRO, 2008, p. 5).

Existe também a proposta de EA reformista, embora voltada para questões sociais, é mais pragmática, focada em hábitos mais responsáveis com o ambiente e com os recursos naturais. Diante dessa lógica, o indivíduo não assume uma mudança na sua essência, somente em ações específicas que não garantem a mudança em prol de uma sensibilização ambiental mais profunda (SILVA e COLESANTI, 2015, p. 245).

Como as questões ambientais sofrem consequência dos valores e interesses de uma doutrina ideológica, podem ser entendidas como componentes problematizadores políticos. E embora assumir um comportamento “ecologicamente correto” possa parecer ser um posicionamento positivo, não significa superar as influências do sistema em que se está inserido, não significa estar imune às clássicas doutrinas político-ideológicas (LAYRARGUES, 2006).

Portanto, entendendo os problemas ambientais como resultado de um complexo processo histórico de formação e configuração social, não é possível desvincular a construção da sustentabilidade da mais radical e profunda mudança do padrão societário e civilizatório vigente (LOUREIRO, 2008).

Layrargues (2006) relembra a dupla função sociológica da educação, a função moral de socialização humana e a função ideológica de reprodução das condições sociais. Quando ampliamos essas funções para a educação ambiental, a função moral de socialização humana não se restringe apenas à relação do ser humano com a sociedade, tampouco se trata de restabelecer um vínculo perdido com o ambiente natural, pautado em mudanças comportamentais. A visão positivista de que a substituição da visão antropocêntrica por um ideal ecológico promoveria uma reversão da crise ambiental, exclui diversos elementos essenciais para uma educação ambiental emancipatória. A EA, para atingir a mudança ambiental, possui relação não apenas com a mudança cultural, mas também com a mudança social, sobretudo em sociedades acentuadamente desiguais (LAYRARGUES, 2006).

O pensamento crítico, nesse sentido, tem um papel relevante na formação de sujeitos capazes de criticar o atual modelo de sociedade e, para além da crítica, sempre necessária, também se integram na luta coletiva pela construção de um outro projeto societário, em que as relações de exploração sejam superadas (TREIN, 2008, p.43).

Portanto, fica evidente a necessidade de trabalhar as questões ambientais na educação formal de maneira abrangente. A transversalidade do tema, proposta pelos Parâmetros Curriculares e pela Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) destaca a necessidade de desenvolvê-la de maneira integrada na educação, não se limitando apenas a uma disciplina, mas sim, a partir de uma forma interdisciplinar de se debater as questões ambientais. Mas na prática o que se vê é uma grande dificuldade de aplicação, limitando-se muitas vezes à uma extensão da Ecologia. Costa (2007) traz algumas possíveis causas para esta questão, como a falta de tempo, de espaço e também de estudos que relacionam a problemática ambiental com o social.

Dessa forma, reafirma-se uma fragmentação da totalidade, já tão observada em diversos âmbitos do conhecimento e inclusive no conhecimento escolar, limitando o entendimento do problema e gerando a ideia de um perfeito domínio sobre o objeto estudado (TREIN, 2008). Portanto, uma abordagem não transversal do tema traz o risco de formar um entendimento parcial e fragmentado dos diversos aspectos que envolvem a questão ambiental.

Embora seja um desafio incluir a discussão interdisciplinar nas escolas, de outro lado, a questão ambiental não é, nem pode ser um conhecimento em si, independente das áreas afins (BERNARDES, 2013).

A Educação Ambiental, como processo contínuo que busca a conquista da cidadania e o desenvolvimento justo, solidário e sustentável, é meio e não fim. Assim, os conteúdos tradicionais só farão sentido para a sociedade e para quem os ensina e estuda, se estiverem integrados em um projeto educacional abrangente de transformação, a começar pelo ambiente escolar, envolvendo a comunidade e os funcionários, repensando o espaço físico e a administração escolar, as práticas docentes e a participação discente, isto é, discutindo toda a dinâmica de relações no ambiente que nos cerca (BERNARDES, 2013, p. 180).

Portanto, entendendo a necessidade de uma abordagem ampla das questões ambientais para uma formação crítica e emancipadora é preciso focar numa análise crítica da contemporaneidade através da compreensão de processos históricos. Precisamos compreender como temos nos relacionado com a natureza e como os seres vivos têm se relacionado entre si (TREIN, 2008).

Para estabelecer essas ligações e não trazer o ser humano como um elemento à parte do ambiente, precisamos entender como se dá a mediação entre estas partes. A partir da abordagem filosófica e sociológica da crise ambiental, Layrargues (2006) considera a **cultura** e o **trabalho** como elementos mediadores da relação humana com a natureza. A cultura reflete valores que influenciam o modo com que o ser humano lida com a natureza, ou seja, a ideia de dominação sobre a natureza seria um fator determinante da crise ambiental. Entretanto, quando consideramos apenas o elemento cultural, trazemos como agente principal um ser humano genérico, sem diferenciar os agentes sociais com responsabilidades diferenciadas. Portanto, é apenas quando consideramos também o trabalho como a raiz da crise ambiental, como a base material dessa crise, é que englobamos os diversos aspectos envolvidos, pois é nessa base que se assenta a produção de riquezas e sua respectiva distribuição no tecido social, ou pelo contrário, sua concentração nas mãos de poucos (LAYRARGUES, 2006). Sendo a cultura uma produção humana, ela também decorre do trabalho e, portanto, se trata também da transformação da natureza pela humanidade e a consequente transformação de si mesmo. Logo, aliar estes elementos permite uma visão mais ampla: Se o aspecto “cultura” pode mitigar os agentes causadores da crise ambiental por trás de uma ação antrópica genérica, o “trabalho” permite a visualização da ação diferenciada dos agentes que são sujeitos que compõem a sociedade capitalista, uma sociedade dividida em

classes e como tal organização social determina o lugar, os interesses, o trabalho, as possibilidades de pensar e atuar, bem como a produção do mundo humano. Assim, é importante compreender as diferenças na produção e apropriação dos recursos naturais de acordo com cada grupo social de modo a afastar o sujeito genérico quando falamos de exploração e entender os impactos diferenciados causados por certos grupos e países.

Os problemas ambientais deixam de ser naturalizados, independentes, autônomos, sem sujeito social, e passam a ser compreendidos como o produto de determinadas formas de organização social, no seio de uma cultura, quando localizados no tempo e no espaço e considerados no seu contexto sócio-histórico (MEYER, 1991, p. 44).

Trein (2012) retoma a definição materialista histórica de trabalho proposta por Marx em que o trabalho é a marca que distingue os seres humanos dos demais animais. A partir de um processo teleológico, o homem estabelece uma finalidade com intencionalidade e parte para a prática com o objetivo de suprir suas necessidades. Essa característica fundamental do trabalho envolve a transformação da natureza, ou seja, o trabalho pode ser definido como sendo uma atividade que essencialmente relaciona a humanidade ao meio natural. O trabalho é a transformação do ambiente em que estamos inseridos, de forma a garantir a nossa sobrevivência individual e de nossa espécie. Nessa medida também transformamos as nossas relações sociais e a nós mesmos (TREIN, 2012).

Portanto, é possível compreender o trabalho não apenas como sendo necessário à sobrevivência, mas também com um potencial de transformação rumo à liberdade, produzindo além de meios necessários para a manutenção da espécie, manifestações próprias da sociabilidade humana como a arte e cultura em geral (TREIN, 2008). Todavia, quando o trabalho se reduz à mercadoria, o seu caráter autônomo é perdido e a alienação passa a ser habitual. Cada grupo social é marcado por um tipo específico de organização do trabalho e quando nos debruçamos sobre o trabalho assalariado podemos perceber como o sistema capitalista produz e reproduz a sua existência a partir da perpetuação das relações sociais entre capitalistas e trabalhadores baseadas na exploração da natureza e do próprio ser humano. A natureza e o trabalho se convertem então em mercadoria, subsumindo ambos à necessidade de reprodução do capital, ao lucro (TREIN, 2012).

Dessa forma, é preciso analisar a realidade social na qual estamos inseridos de maneira a investigar criticamente a cultura do desempenho, do desenvolvimento e do progresso próprios do sistema capitalista.

O pensamento crítico, neste sentido, tem um papel relevante na formação de sujeitos capazes de criticar o atual modelo de sociedade e, para além da crítica, sempre necessária, também se integrarem na luta coletiva pela construção de um outro projeto societário, em que as relações de exploração sejam superadas (TREIN, 2008, p. 43).

Assim sendo, incorporar as questões da organização do trabalho nos estudos da EA crítica é fundamental não apenas para entender os impactos gerados na natureza, mas revelar as relações implícitas na construção da organização societária vigente, é expressar o caráter político, social e histórico que configura a relação que os seres humanos estabelecem com a natureza mediada pelo trabalho (TREIN, 2012). Entretanto, englobar os diversos aspectos que perpassam não apenas o mundo do trabalho diretamente, mas o ambiente todo, como questões de saneamento, transporte, moradia, recursos hídricos, fauna e flora, não é um exercício fácil, principalmente tendo em vista a fragmentação dos conteúdos na escola básica.

Rodrigues (2008) estabelece uma íntima relação entre o esvaziamento dos conteúdos na escola e a formação de força de trabalho em prol do capital. O atual modelo pautado nas “competências” a serem adquiridas minimiza a importância de uma formação crítica, na construção teórica desse modelo hegemônico para a formação de força de trabalho, um dos pressupostos chave é a diminuição da importância do entendimento de uma sociedade dividida em classes (RODRIGUES, 2008).

No entanto, como dito, a promissora contextualização a partir da transversalidade do tema ainda é um grande desafio considerando que a própria formação docente muitas vezes não trata o assunto de maneira contextualizada. Para tal, os programas de formação docente são fundamentais. O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e a Residência Pedagógica (RP), programas financiados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal e Ensino Superior (CAPES) e fazem parte da Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação (MEC). Estes programas permitem que o professor em formação esteja em contato tanto com professores universitários quanto com os docentes da escola, possibilitando que assimilem as demandas sociais, incorporando-as às práticas pedagógicas.

Fontoura (2019) evidencia a importância destes programas para a formação docente, para que os futuros professores possam atuar de maneira significativa nas instituições de ensino. O autor ressalta a importância de se conhecer o contexto local e prezar pela participação coletiva na construção das intervenções pedagógicas:

Pode-se dizer que a escola é uma organização que está inserida em um contexto maior tanto social, quanto político, que deve ser considerado em sua proposta pedagógica e esta por sua vez deve ser construída de forma participativa para que seja possível atingir seu objetivo que é uma aprendizagem significativa (FONTOURA, 2019, p. 18).

Com o objetivo de compreender a comunidade escolar e mover-se no sentido da formação de um sujeito que compreenda e atue no seu ambiente, o grupo da Residência Pedagógica de Biologia da Universidade Federal de Lavras (UFLA) mobilizou uma pesquisa participante a partir de um mapeamento ambiental, a fim de agrupar elementos importantes para a formação cidadã na perspectiva da educação ambiental crítica na formação inicial e continuada de professores.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Metodologia

Este trabalho foi realizado com base na abordagem qualitativa de pesquisa, sob a modalidade pesquisa participante. A pesquisa qualitativa abrange os diversos aspectos que permeiam o objeto de estudo, Minayo (2010) a descreve ressaltando a preocupação com as questões que muitas vezes são pormenorizadas e específicas, se preocupando com elementos da realidade que não podem ser quantificados. Neste trabalho, esta forma de investigação foi escolhida por envolver as especificidades e as subjetividades da comunidade local, pois a provisoriedade, o dinamismo e a especificidade são características fundamentais de qualquer questão social (MINAYO, 2010, p. 13).

Já a pesquisa participante (PP) é um tipo de pesquisa qualitativa que busca envolver os participantes na análise de sua própria realidade, compondo uma relação mais próxima do pesquisador com as pessoas envolvidas na pesquisa. Demo (1984) diferencia a pesquisa participante das tradicionalmente utilizadas na academia, que muitas vezes são trazidas de maneira estereotipada com coleta e tratamento de dados empíricos, sendo a PP, portanto, um caminho de pesquisa mais abrangente, que envolve os diversos agentes que influenciam a realidade. Além de investigar, tem o desafio também de contribuir com os processos educativos dos envolvidos.

No presente trabalho, a pesquisa participante ocorreu a partir do mapeamento ambiental (MEYER, 1991) de uma comunidade escolar com o intuito de aperfeiçoar a formação docente e também refletir sobre a importância dos aspectos sociais, com enfoque no trabalho como mediador da relação homem-natureza, na formação de professores do projeto de Residência Pedagógica. Este mapeamento permite que seja feito um inventário das relações sociais que os seres humanos vão estabelecendo entre si e os demais seres vivos, quem se apropria e como se apropria dos elementos naturais (IDEM) com o intuito de identificar a origem e as consequências dos problemas ambientais.

O mapeamento ambiental como proposta de EA crítica foi proposto por Meyer (1991) com o intuito de buscar o enfoque interdisciplinar e também um entendimento do ambiente por inteiro. Entendendo que os fenômenos naturais e as ações antrópicas modificam constantemente o ambiente, as propostas pedagógicas devem contemplar essas alterações.

A sala de aula, o bairro, a casa, o trabalho, a rua, são locais adequados para se realizar pesquisas, entrevistar pessoas, coletar dados, registrar fatos e acontecimentos, observar como ocorre a ocupação e a apropriação do espaço. Enfim, ler o ambiente e dialogar com o conhecimento das pessoas (MEYER, 1991, p. 42).

Este mapeamento se configura como sendo um processo de ensino-aprendizagem não apenas para os alunos afetados por ele, mas também para os professores em formação e em serviço envolvidos no processo. Tal diagnóstico pode ser também um grande aliado para construção de um Projeto Político Pedagógico participativo, podendo promover um movimento para reconhecimento das questões socioambientais locais, compreender as mudanças socialmente construídas naquele contexto, bem como incluir demandas da comunidade escolar no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, elementos que podem dar subsídios para construção de práticas pedagógicas interdisciplinares socialmente referenciadas.

Assim, este trabalho teve como finalidade relatar o processo de análise feita acerca das questões socioambientais que permeiam a comunidade escolar em torno da Escola Municipal Umbelina Azevedo Avellar do município de Lavras-MG, pelo grupo de Residência Pedagógica, através de um mapeamento ambiental, e aprofundar na questão do “trabalho” pensando na contribuição para a formação inicial e continuada de professores e na educação ambiental como eixo integrador. O mapeamento foi feito através de observações do local e de entrevistas com moradores e colaboradores que frequentam o entorno da escola. O grupo de

Residência responsável pelo planejamento e pela concretização da pesquisa contou com 10 integrantes, além de 3 pós-graduandos, duas professoras da rede básica de ensino e da professora orientadora do projeto. Foram entrevistadas 21 pessoas que a princípio eram escolhidas aleatoriamente pelo bairro e posteriormente indivíduos indicados pelos próprios moradores e integrantes da escola. As questões elaboradas para o roteiro de pesquisa foram utilizadas por todos os residentes durante as entrevistas, entretanto a análise dos dados foi feita em duplas e cada dupla se debruçou no estudo de um dos seguintes tópicos: Visão geral do bairro e histórico, saúde e limpeza, crenças e festividades, alimentação e trabalho e tempo livre. O presente trabalho analisa e aprofunda as questões que emergiram sobre o trabalho e o tempo livre.

Para estudar os dados coletados, foi feita uma análise de conteúdo a fim de perceber padrões que pudessem fomentar reflexões sobre a questão do trabalho buscando como embasamento os estudos de Minayo (2010) sobre a análise de categorias temáticas. Para preservar a identidade dos entrevistados, eles foram representados pela letra E, seguida de um número sequencial (E1, E2, E3...).

2.2 Resultados e discussão

Para iniciar as reflexões sobre o processo de pesquisa através do mapeamento ambiental e a sua importância, foram feitas reuniões com o grupo incluindo observações em campo, tanto na universidade quanto no bairro escolhido para a investigação.

A primeira saída de campo ocorreu no interior da universidade (FIGURA 1), nela a professora orientadora mediou as reflexões instigando a atenção para os elementos que compõem o ambiente, tais como os componentes naturais, construções civis, meios de transporte, comércio, entre outros.

Foi feita uma reflexão sobre o olhar do pesquisador nas análises. Nessa dinâmica, os residentes separados em duplas deveriam traçar uma linha no horizonte e olhar de um ponto ao outro lentamente. Enquanto o primeiro integrante da dupla fazia essa observação, o segundo deveria olhar a movimentação dos olhos dele enquanto ele analisava as paisagens no horizonte, depois trocavam de função. Após um momento de reflexão sobre o que acontece com o olhar na observação, concluiu-se que a nossa visão ao analisar um panorama amplo, captura imagens pausadas e que os olhos vão fazendo pequenas pausas enquanto atravessa a

paisagem. Isso nos leva a perceber que os órgãos do sentido não “captam” a realidade como ela é, para conseguirmos enxergar uma reta de forma contínua, há processamento realizado por cada sujeito que certamente terá interferências da sua história de vida e da cultura do local onde foi criado.

Figura 1 – Saída de campo na universidade



Fonte: Autora (2022)

Fazendo uma analogia com a pesquisa que seria realizada no bairro, podemos perceber que para compreender o ambiente é necessário “capturar” os diversos aspectos que permeiam o local a fim de buscar entendê-lo por completo, pois analisar apenas um fragmento, um aspecto, limita a visão da pesquisa.

Como o projeto de residência tem um vínculo direto com a escola, e que o grupo se encontrava com as ações limitadas devido à pandemia de Covid-19, optou-se por realizar a pesquisa no bairro do entorno da escola municipal Umbelina Azevedo Avellar, do município de Lavras, Minas Gerais. Como um dos intuitos da pesquisa era aprimorar a formação inicial e continuada de professores, optou-se por uma construção coletiva das questões que pudessem abranger os diversos aspectos que influenciam o ambiente local e que seriam um roteiro para as entrevistas (APÊNDICE A).

A professora preceptora que trabalha na escola em questão, auxiliou também buscando elementos-chave da vizinhança, como moradores mais antigos e influentes, que pudessem fornecer informações mais abrangentes sobre a história do bairro. Ressaltou-se a importância de evidenciar o caráter anônimo nas entrevistas, visto que o intuito não era coletar dados individuais e sim padrões que pudessem ajudar no entendimento social local. Reconheceu-se

também a importância de os alunos participarem dessa pesquisa de forma a se enxergarem como seres políticos e que alteram o próprio ambiente, porém devido às limitações impostas pela pandemia e da carga horária que demandaria além do que já era planejado pelos professores, se tornou inviável, entretanto é uma excelente alternativa de pesquisa, principalmente se aliada aos professores de outras disciplinas, integralizando o conteúdo.

No dia 01 de abril de 2022, foi feita uma primeira visita ao bairro com os residentes, a professora orientadora e a professora preceptora a fim de conhecer melhor o local (FIGURA 2). Nesta visita foi possível conhecer melhor o bairro assim como algumas de suas especificidades.

Figura 2 – Primeira visita ao bairro



Fonte: Autora (2022)

À primeira vista, o bairro pareceu bastante tranquilo, sendo em sua maioria formado por residências e poucos pontos comerciais. Próximo à escola há uma praça que foi recentemente restaurada, a partir dos relatos dos moradores e funcionários da escolas, soubemos que neste local há pouco havia muito lixo, hoje serve de ponto de encontro para os estudantes e para os pais quando vão buscar os filhos na escola.

Por meio dos relatos e da observação também conhecemos o rio que corta o bairro, que pode ser visto na Figura 3, ele é intermitente e nas épocas de seca apenas o esgoto passa por ele, conferindo um cheiro desagradável aos arredores. Tal descoberta também foi uma novidade para o professor de Geografia da escola Umbelina Azevedo Avellar, que mesmo sendo residente do bairro desconhecia o fato.

Figura 3 – Rio que atravessa o bairro



Fonte: Autora (2022)

Próximo a ele, no entorno do rio há um espaço de campo onde ficam alguns cavalos, entretanto também é possível encontrar bastante lixo depositado ali (FIGURA 4). Esse lixo representa um grande risco aos moradores, pois além de poder contaminar o solo e o rio, também agrava o risco de transmissão de doenças, visto que está intimamente ligado ao aumento de animais e insetos transmissores.

Figura 4 – Lixo em local indevido



Fonte: Autora (2022)

Outros registros fotográficos feitos durante as visitas podem ser vistos na Figura 5, Figura 6 e Figura 7.

Figura 5 - Grafite feito em um muro do bairro



Fonte: Autora (2022)

Figura 6 - Área aberta, próxima ao rio



Fonte: Autora (2022)

Figura 7 - Muro da escola



Fonte: Autora (2022)

Após a primeira visita, os grupos foram separados para que, em duplas, fossem ao bairro entrevistar os moradores. Nas entrevistas surgiram novas informações que à primeira vista não foram observadas, como a falta de estabelecimentos como farmácias e bancos no bairro.

Com relação ao trabalho e ao tempo livre, tópico em que este trabalho se debruça, houve informações importantes para a compreensão de como o trabalho se configura no local e qual é a percepção deste para as pessoas. No Apêndice B é possível ler de maneira íntegra as questões que surgiram sobre o “trabalho” e o tempo livre que os entrevistados relataram. A partir da análise das respostas foram construídas três categorias temáticas que sintetizam os elementos mais recorrentes, estão elas representadas na Tabela 1:

Tabela 1 – Categoria, descrição e frequência

Categoria	Descrição	Frequência
Concepção de trabalho	Nesta categoria estão agrupadas as falas em que o trabalho é visto apenas através do trabalho assalariado.	20
O trabalho voluntário dissociado do conceito de “emprego”	Aqui estão as falas em que o trabalho voluntário é incluído nas atividades feitas durante o tempo livre e que realizam os indivíduos.	5
Os espaços naturais como refúgio no tempo de lazer	Nesta categoria encontram-se as falas que expressam o lazer em ambientes naturais.	6

Fonte: Autora, 2022.

2.2.1 Concepção de trabalho

Nesta categoria estão agrupadas as falas em que o trabalho é reconhecido apenas através do trabalho assalariado. A pergunta desenvolvida pelo grupo para compor o roteiro de questões, embora não fosse de cumprimento obrigatório, iniciava com a questão “Você trabalha?” e a grande maioria das respostas fizeram referência ao trabalho remunerado. A entrevistada E16 relatou passar a maior parte do seu dia (das 6 horas da manhã até às 7 horas da noite) na mercearia junto ao seu marido, entretanto não considera que fosse um trabalho, e sim um auxílio ao seu marido. O mesmo ocorreu com um dos entrevistados E13, que ao ser questionado sobre o trabalho, relatou que já está aposentado há alguns anos e que não trabalha mais apesar de capinar lotes e cuidar da casa.

É importante definirmos a diferença entre o trabalho e o trabalho assalariado. Diversos autores se debruçam sobre a questão do trabalho, Trein (2012) define o trabalho como sendo a marca que distingue o ser humano dos demais animais, marcado principalmente pela intencionalidade e pelo objetivo ao satisfazer suas necessidades. Todavia, a transformação material da natureza modificou seu sentido quando o desenvolvimento passou a ser pautado na produção industrial e no consumo, e a natureza e o trabalho se converteram em mercadoria. Ora, quando o trabalho é reduzido a um bem de troca, a uma mercadoria, um bem privado, ele perde seu caráter autônomo e tudo e todos a que ele se refere são contaminados pela mercantilização e pela alienação (TREIN, 2012).

Relembrando uma das funções da educação discutida por Layrargues (2006), a educação possui um papel ideológico de reprodução das condições sociais vigentes, ou seja, a escola acaba sendo uma das principais armas de propagação dos valores sociais em que está inserida, pois recebe, na teoria, todas as crianças de todas as classes e grupos sociais e inculca, durante anos, determinados saberes explícitos e implícitos revestidos pela ideologia dominante (LAYRARGUES, 2006). Não é incomum se deparar com a frase “é preciso estudar para ser alguém na vida”, o próprio direito de estudar está associado à formação de classe trabalhadora e o “ser alguém” está intimamente relacionado ao poder de reprodução do capital, ao lucro. Se o indivíduo não puder vender sua mão-de-obra acaba sendo subjugado à classe de “ninguém”. Vale ressaltar que não há intenção de culpabilizar as instituições de ensino como responsáveis pela manutenção do atual sistema, mas sim de apontar seu potencial transformador frente a um projeto de formação voltado para a mercantilização e exploração do trabalho.

A produção da vida não é inerente exploratória, entretanto no molde de sociedade atual em que a dominação da natureza está diretamente relacionada à exploração do próprio ser humano, é possível perceber que existem questões semelhantes que afetam o mundo do trabalho e as questões ambientais. Portanto, não é sem razão que os entrevistados ao serem questionados sobre o trabalho, automaticamente remetem este ao trabalho que rende proventos, ainda que seja um trabalho que não o realiza como ser, apenas possibilita ao sujeito, em grande parte das vezes, sobreviver duramente e de forma penosa, um trabalho alienado, mercantilizado. Um trabalho que ao invés de possibilitar que compreenda a si e ao mundo humano, a atividade vital humana, que o diferencia das demais espécies e possibilita a humanidade a transformar e construir o mundo humano de forma gradativa, o afasta de sua humanidade de si mesmo.

2.2.2 O trabalho voluntário dissociado do conceito de “emprego”

Nesta categoria estão agrupadas as falas em que o trabalho voluntário não é considerado um trabalho propriamente dito, e sim algo que é feito no tempo livre, uma atividade que realiza e satisfaz o indivíduo. De acordo com a Lei 9.608/98, artigo 1º: “Considera-se serviço voluntário, para os fins desta Lei, a atividade não remunerada prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza ou a instituição privada de fins não lucrativos...” (DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, 1998).

Grande parte dos serviços voluntários relatados nas entrevistas estavam destinados a atividades de cunho religioso. Embora seja possível aprofundar-se na questão da religiosidade na comunidade em questão, o foco do presente trabalho consiste na análise da percepção do trabalho para este grupo.

Pode-se dizer que o trabalho é o conjunto de afazeres a serem cumpridos com a intenção de atingir um objetivo, uma finalidade. Para ilustrar podemos trazer o relato do entrevistado E8, que no seu tempo livre empenha-se voluntariamente na reforma da igreja Santa Rita. O trabalho voluntário neste contexto, portanto, pode incluir tanto propósitos coletivos, como a melhoria das instalações para uso da comunidade, quanto propósitos individuais, como por exemplo a salvação espiritual. Independente dos objetivos pessoais do entrevistado, temos uma visão de como o trabalho é compreendido por ele, pois ao separar esta atividade como “tempo livre”, ele dissocia esta atividade daquela em que seu trabalho é vendido.

A própria religião é um fenômeno cultural e sendo a cultura uma produção humana, ela também é originária do trabalho, pois trata-se da transformação da natureza pela humanidade e a conseqüente transformação de si mesmo. Logo, a inserção do trabalho voluntário dentro do que seria o tempo livre, aprofunda o distanciamento causado pela mercantilização da força de trabalho.

Talvez a entrevistada E19 seja a mais representativa na questão dos serviços voluntários, pois praticamente todo o tempo que ela tem fora da secretaria da escola, é destinado aos serviços da igreja e durante toda a entrevista ficou evidente a satisfação pessoal que este trabalho lhe proporciona. Neste caso, não se trata do lucro, como dito por ela mesma, e sim do prazer que estas atividades lhe proporcionam. Entretanto é necessário cuidado ao analisar o trabalho voluntário para que não haja uma romantização da exploração através de um ato de benevolência a favor de instituições que acumulam riquezas.

2.2.3 Os espaços naturais como refúgio no tempo de lazer

Nesta categoria estão reunidas as falas em que fica evidente um distanciamento do que é considerado ambiente para lazer e descanso e o ambiente de trabalho. Os locais considerados para lazer são os lugares arborizados, com presença de animais, em que é possível apreciar a natureza. A entrevistada E18 relatou que durante seu tempo livre, ela e o marido gostam de passear na UFLA para sentar embaixo das árvores e descansar, da mesma forma, o entrevistado E21 diz que com frequência visita seu sítio, onde cultiva plantas e cuida dos animais que vivem lá.

É inegável a importância do contato com a natureza para a saúde e o bem-estar dos indivíduos, Martins (2022) relaciona o processo de intoxicação digital crescente e a redução do contato com espaços verdes (principalmente em decorrência do isolamento social) a mudanças diretas nas condições de saúde. A autora destrincha o termo *déficit de natureza*, criado pelo escritor Richard Louv, compreendendo que o distanciamento por parte dos sujeitos ocidentais urbanos está relacionado diretamente a problemas de saúde tanto de ordem física quanto mental e comportamental.

Devido ao processo de formação social, crescimento e desenvolvimento das cidades, foi ficando cada vez mais evidente a diferença entre o ambiente natural e o ambiente antropologicamente modificado. Festozo (2018) descreve que a contemplação da natureza no tempo livre foi, durante muito tempo, uma preocupação ambiental desprovida de discussões sociais, políticas e econômicas, pautada apenas na apreciação da natureza, própria de movimentos burgueses, no tempo de ócio, ou seja, em seu tempo livre.

Não é por acaso que o número de empresas de turismo ecológico cresce a cada ano, segundo uma pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura (ABETA), no ano de 2020, o número de viagens destinadas ao ecoturismo representou 9,7% do total de viagens no Brasil. A necessidade de restabelecer o vínculo entre a natureza e o homem transformou-se em uma estratégia de mercado.

Entretanto, não podemos culpabilizar apenas o distanciamento do ser humano perante a natureza como causador da crise ambiental, pois estaríamos defendendo que essas causas são unicamente culturais e que basta a EA pregar uma mudança cultural de reaproximação do ser humano com a natureza que o problema seria solucionado. É por este fator que Layrargues (2006) defende que o trabalho seja considerado, junto à cultura, na análise da questão ambiental. É o trabalho, juntamente com a cultura, que compõe o diálogo entre o

plano material e o plano simbólico quanto aos determinantes da crise ambiental (LAYRARGUES, 2006).

A partir das relações de trabalho, o mundo em que vivemos foi, e é constantemente, produzido. Essas relações, que muitas vezes são baseadas na exploração do ambiente e do próprio ser humano nem sempre são escolha do sujeito, que acaba sendo reprodutor deste sistema. Logo, para que essa condição seja superada é preciso que haja uma transformação do trabalho, para que ele seja emancipador, não alienado e que realize o sujeito.

Portanto, a educação ambiental tem papel importante inclusive nos espaços de contemplação da natureza, pois a apreciação do ambiente sem uma visão crítica do que o rodeia acaba se reduzindo ao preservacionismo sem a proposta de mudança social.

Tais questões foram discutidas entre os professores em formação do grupo de RP, professores em serviço e alunos da pós-graduação, incluindo também outros tópicos distribuídos pelas entrevistas, como questões históricas do bairro, de infraestrutura, de crenças, entre outras.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados coletados sobre a percepção do trabalho por parte da comunidade escolar, incluindo os moradores do entorno desta escola do município de Lavras, Minas Gerais, forneceram informações muito relevantes para o mapeamento ambiental proposto, principalmente ao considerarmos o contexto de formação inicial e continuada de professores.

Entender criticamente o processo de mercantilização do trabalho é fundamental para a prática da EA crítica, pois analisar a questão ambiental sem pensar no processo histórico de formação social, exploração da natureza e dos seres humanos, apenas camufla a verdadeira base material da crise ambiental. É esta base que permite a visualização das relações produtivas e dos principais agentes atuantes na degradação do ambiente, assim como a produção de riquezas e sua concentração em uma pequena parcela da população. Portanto, é fundamental que o indivíduo se reconheça neste processo de produção da vida e de exploração da natureza e da humanidade.

Como visto anteriormente, a educação ambiental nas escolas tem sido trabalhada, muitas vezes através de um viés conservacionista, romântico e individualista. Mesmo sendo um tema transversal, ou seja, que deveria integrar-se com todas as disciplinas, é complexo pois os educadores são, muitas vezes, formados de maneira fragmentada e, portanto, sua realização acaba sendo comprometida. Entender e questionar o modelo de sociedade e pensar na educação ambiental como sendo mais ampla exige um esforço maior do profissional educador. E vale questionar, afinal, as nossas práticas pedagógicas contribuem para reproduzir ou transformar as condições sociais em que estão inseridas?

Os currículos engessados, a falta de autonomia e de tempo dos professores não permite muitas vezes que as práticas desenvolvidas por eles sejam críticas e aprofundadas, inclusive estes são caminhos utilizados para reforçar a formação de uma sociedade alienada e que não questiona sobre sua própria realidade, retroalimentando o sistema que limita o pensamento crítico.

Neste sentido, a pesquisa participante é um método de pesquisa promissor. A ciência, de um modo geral, não considera o conhecimento popular como fonte de pesquisa, entretanto quando se pensa em um mapeamento ambiental através de uma pesquisa participante, o indivíduo pode refletir sobre o seu papel na sociedade ao ser questionado sobre seu cotidiano e sua realidade, dando voz aos grupos que são historicamente oprimidos visando a transformação social. A presente pesquisa realizou-se num contexto em que o acesso às instalações da escola estava restrito devido à pandemia de Covid-19, entretanto também seria muito proveitoso se este processo tivesse sido feito em conjunto com os estudantes, para que estes se percebam no processo de formação social e se identifiquem com a realidade local. Logo, é uma excelente sugestão para futuros trabalhos.

Para que a Educação ambiental crítica seja trabalhada na escola como eixo integrador, e que forme sujeitos que compreendam e atuem no seu ambiente, é preciso formar professores que estejam preocupados e preparados para a formação cidadã em seus diversos aspectos. Todo o processo de pesquisa, desde a construção coletiva do objetivo e das questões, até as discussões pós-entrevistas foi extremamente formativo para todos os envolvidos, principalmente para os professores em formação do grupo de Residência Pedagógica e os professores em formação continuada que acompanharam o grupo. O mapeamento permitiu fazer um diagnóstico do ambiente em suas múltiplas dimensões e através de diversas personalidades que compõem a comunidade escolar em questão. Demonstrou ser um

excelente método para aproximar o professor das questões locais e poder assim, incluir elementos próprios do local em suas práticas.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS EMPRESAS DE ECOTURISMO E TURISMO DE AVENTURA - ABETA. **Cenário do turismo de natureza no Brasil**. 2020. Disponível em: <http://planett.com.br/cenario-turismo-natureza/>. Acesso em: 10 Ago. 2022.

BERNARDES, M. B. J.; PRIETO, É. C. **Educação ambiental: Disciplina versus tema transversal**. REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, [S. l.], v. 24, 2013. Disponível em: <https://seer.furg.br/remea/article/view/3891>. Acesso em: 14 jul. 2022.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo, Cortez, 2ª. Ed., 2006.

CARVALHO, I. C. M. **A educação ambiental no Brasil**. Salto para o Futuro, Brasília, ano XVIII, boletim 1, mar. 2008. Disponível em: www.educacaoambiental.pro.br/victor/biblioteca/MECSEADEABR.doc. Acesso em: 13 jul. 2022.

COSTA, A. C. M. da; GRZYNSZPAN, D. **Educação ambiental: obstáculos, desafios e perspectivas**. In: Encontro nacional de pesquisa em educação em ciências - ENPEC, 6.; 2007, Florianópolis, SC. Anais. Florianópolis, SC: ABRAPEC, 2007.

DEMO, Pedro. **Pesquisa Participante: Mito e realidade**. Rio de Janeiro: Senac, 1984. v. 1.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. **Lei nº 9.608, de 18 de fevereiro de 1998**. Sobre o serviço voluntário e outras providências. Brasília, DF, p. 658, 1998.

FESTOZO, M. B.; QUEIXAS, R. C.; NASCIMENTO JUNIOR, A. F.; TOZONI-REIS, M. F. DE C. **Relações históricas entre a educação ambiental e a participação social**. Revista Tempos e Espaços em Educação, v. 11, n. 24, p. 253-266, 19 jan. 2018.

FONTOURA, Julia Figueira. **Contribuições do estágio supervisionado, do PIBID e da Residência Pedagógica no processo de formação inicial de professores**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Ciências Biológicas) - UNIUI, Ijuí, RS, 2019. Disponível em:

<https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/handle/123456789/6163>. Acesso em: 20 jul. 2022.

LAYRARGUES, P. **Muito além da natureza: educação ambiental e reprodução social**. In: LOUREIRO, Carlos (Org.), LAYRARGUES, Philippe (Org.) e CASTRO, Ronaldo (Org.). *Pensamento complexo, dialética e educação ambiental*. São Paulo: Cortez, 2006.

LOUREIRO, C. F. B. **A educação ambiental no Brasil. Proposta pedagógica**. Salto para o Futuro, Brasília, ano XVIII, boletim 1, mar. 2008. Disponível em: www.educacaoambiental.pro.br/victor/biblioteca/MECSEADEABR.doc. Acesso em: 13 jul. 2022.

MARTINS, T. P. **O dispositivo do Transtorno do Déficit de Natureza: um estudo sobre a importância do contato com a “natureza” para a saúde dos sujeitos**. 2022. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, [S. l.], 2022.

MEYER, M. Â. A. **Educação ambiental: uma proposta pedagógica**. Em Aberto, Brasília, v. 10, n. 49, p. 41-46, 1991.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio da pesquisa social**. In: MINAYO, M. C. de S. (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. cap. 1, p. 9–30.

RODRIGUES, D. **Marx e a divisão social do trabalho, uma resposta atual**. In: IV Conferencia Internacional "La obra de Carlos Marx y los desafíos del siglo XXI". Disponível em: https://www.nodo50.org/cubasigloXXI/congreso08/conf4_rodriguesd.pdf. Acesso em: 12 fev. 2012.

SILVA, J. B.; COLESANTI, M. T. M. **Considerações acerca da Educação Ambiental: uma reflexão constante a partir de uma legislação de referência**. *Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities research medium*, Ituiutaba, v. 6, n. 1, p. 241-252, jan./jun. 2015.

TEIXEIRA, Lucas André; TOZONI-REIS, MF de C. A educação ambiental e a formação de professores: pensando a inserção da educação ambiental na escola pública. **Encontro Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 7, p. 1-16, 2013.

TREIN, E. S. **A Perspectiva Crítica E Emancipatória Da Educação Ambiental**. In TREIN, E. *Educação Ambiental no Brasil*, Rio de Janeiro, RJ. p 41-45. 2008. Disponível em: <http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/164816Educambiental-br.pdf>. Acesso em: 14 Jul. de 2022.

TREIN, E. S. (2012). **A educação ambiental crítica: Crítica de que?**. Revista Contemporânea de Educação, 7(14), 295-308. doi:<https://doi.org/10.20500/rce.v7i14.1673>. 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS. Biblioteca Universitária. **Manual de normalização e estrutura de trabalhos acadêmicos: TCCs, monografias, dissertações e teses**. 3. ed. rev., atual. e ampl. Lavras, 2020.

APÊNDICE A – ROTEIRO PRÉ-ELABORADO EM CONJUNTO PARA AS ENTREVISTAS

1. Qual o seu nome? Mora no bairro? (importante deixar claro que será um diálogo SIGILOSO com trocas SEGURAS de informações).

0. Apresentação: “Estou me formando como professor e gostaria de conhecer melhor o bairro e as proximidades da escola. Sua contribuição vai ajudar muito!”.

0. Há quanto tempo mora aqui? Me conte um pouco sobre o bairro. Percebeu alguma mudança desde que chegou? Tem algo positivo sobre o bairro que queira me contar? E negativo?

0. Você considera o bairro limpo? (se não surgir, lembrar do saneamento básico: água; lixo; esgoto).

0. Qual serviço de saúde você utiliza? Fica no seu bairro? Conte a respeito.

0. Conte um pouco da sua experiência e sobre a relação da comunidade com a escola.

0. Você pode contar um pouco sobre seus hábitos alimentares? Houve alguma mudança nos últimos anos?

0. Você trabalha? Como é o seu trabalho? Fica perto daqui? (se não, perguntar sobre o tipo de transporte utilizado, tempo de deslocamento e acessibilidade (pontos de ônibus, horários, itinerários, etc.)

0. O que gosta de fazer no seu tempo livre?

0. Costuma ter alguma festa ou evento no bairro? (Se não surgir, perguntar sobre algum evento ou festividade religiosa).

APÊNDICE B – COMO O “TRABALHO” APARECEU NAS ENTREVISTAS

E1 - Mora há 27 anos no bairro e tem uma mercearia há 26 anos no mesmo local, numa avenida (local privilegiado). O local em que trabalha é asfaltado e isso para ele é uma característica boa e embora exista outra mercearia mais perto da escola, os estudantes também contribuem bastante com as vendas, porque ele vende doces e alimentos, e a outra é focada em artigos de papelaria. Ele mora em cima da mercearia então não precisa se deslocar por longas distâncias. No seu tempo livre ele não se diverte pelo bairro. No seu tempo livre ele gosta de ficar em casa, levando em consideração que é uma pessoa mais velha (palavras dele). Em casa ele gosta de ver vídeos no Youtube e estudar para fazer coisas para ele mesmo. Ele aprendeu sozinho a instalar equipamentos de segurança no seu ponto comercial, e inclusive construiu uma escada caracol e se denominou como “faz-tudo curioso”. Gosta de ser produtivo e trabalhar para si.

E2 - Mora no bairro há 13 anos e trabalha numa mercearia em que ele mora em cima, ele é o proprietário. No seu tempo livre gosta de ir para a roça, inclusive traz alguns alimentos para a cidade, que caso sobra, ele vende na mercearia, como leite, couve, tomate, etc. Ele trabalha e faz faculdade de agronomia. Ele também falou que o pessoal do bairro costuma ir no bar do Liosmar no tempo livre, mas que ele não gosta por ser perigoso.

E3 – Entrevista feita com dois adolescentes: Um mora no bairro desde que nasceu e o outro se mudou para lá tem 6 anos. Eles disseram que não trabalham, mas que estudam numa escola que não é a que existe no bairro. No tempo livre eles gostam de andar de bicicleta e gostam de ir no centro também. Disseram que não tem muita coisa para fazer no bairro quando se é criança, que os adultos vão no bar do Liosmar (bar que apareceu em algumas entrevistas) mas que é perigoso então eles não frequentam. Eles falaram que tem horta na casa e algumas frutas também, mas a pessoa que cuida é a mãe deles.

E4 – Entrevista feita com um casal: Eles moram no bairro há 6 e 22 anos respectivamente. Eles trabalham fora e vão de carro para o emprego, cada um trabalha em uma empresa diferente, ela trabalha numa loja e ele trabalha como “faz-tudo” numa empresa do centro da cidade. Não usam o transporte público para trabalhar, mas relatam que quando foi preciso utilizar este meio de transporte foi tranquilo, tinham vários horários e nunca faltou. Com a

pandemia, o número de ônibus diminuiu, mas ainda assim chega certinho. Eles relatam que não tem nenhuma praça ou área recreativa no bairro. Gostam de jogar sinuca e, portanto, frequentemente vão ao bar do Liosmar. Também durante o tempo livre frequentam um terreiro de Umbanda, que tem eventos recorrentes (todos os fins de semana). Inclusive um deles é pai de santo de um dos dois terreiros de umbanda que existem no bairro, os eventos nos terreiros são recorrentes e frequentados por muitos jovens e estudantes da UFLA.

E5 – Estudante, 15 anos. Estudou na escola Umbelina desde que era na antiga sede pois era próxima da sua casa. Relatou que gosta bastante desta escola e que só mudou, pois a escola não oferece aulas para o ensino médio. Segundo ela, não trabalha e mora com o pai que é pedreiro. Relatou que embora estude há uma grande distância da sua nova escola, o bairro oferece transporte público em vários horários, não sendo um problema a locomoção. No seu tempo livre se junta com as meninas do bairro e ficam conversando na calçada. Há alguns jogos na quadra (com os meninos do bairro) que fica perto da antiga escola, e há um parquinho para crianças. Entretanto, comenta que seu pai não autoriza que ela frequente a quadra pois é perigoso, e que as pessoas consomem drogas neste local. Contou sobre a abertura de um pagode em frente à escola Umbelina, mas disse que é ruim para dançar e o local é frequentado por pessoas mais velhas e casais. Sobre o Bar do Liosmar, também comentou sobre a idade do público que frequenta. Diz que pela influência do avô que é mestre de capoeira, ela faz capoeira numa cidade vizinha, Luminárias.

E6 – Estudante, 15 anos. Como está cursando o ensino médio, estuda em uma escola distante do seu bairro, que caminhando demora 1 hora para chegar, mas que como vai acompanhada de sua amiga, não se importa com a distância. Seu pai atualmente está estudando para ser barbeiro e irá abrir um estúdio no fundo da sua casa, sua mãe trabalha numa grande rede de supermercados da cidade e seu avô é aposentado. Para se locomover, ela utiliza os serviços da plataforma Uber, que oferece um plano-família em que cada corrida sai à R\$5,00 e que toda a família se beneficia deste plano. No seu tempo livre leva as crianças da sua rua para o parquinho e diz que ama crianças. Também gosta de participar das festas que uma casa de eventos da cidade promove para adolescentes. Luta capoeira em Lavras mesmo e inclusive possui diversas medalhas de competições.

E7 - 55 anos, comerciante. Já trabalhou na roça, prefeitura, ônibus (na cidade natal) e atualmente trabalha em sua mercearia. A mercearia atende principalmente aposentados, funcionando como bar na maior parte do tempo (servindo comida e bebida). Na pandemia as

vendas aumentaram, pois manteve seu comércio aberto, enquanto os outros fecharam. Comentou a preocupação em se contaminar durante esse período e sobre os clientes que não utilizavam máscara. Quando questionado sobre gostar de seu trabalho, responde que não gosta, pois precisa lidar com o público, sem hora para começar e encerrar o expediente. Além disso, há a questão do consumo de bebida alcoólica no estabelecimento, necessitando um esforço/paciência maior no atendimento. Mas fez questão de destacar que trata todos muito bem, conversa, faz brincadeiras, é sorridente e isso atrai e fideliza seus clientes. Ele já trabalhou no circo e no teatro antigamente. No seu tempo livre vai à sua chácara ou viaja com a família, deixando alguém responsável pela mercearia. Gosta de pescar com amigos no litoral de São Paulo e diz que gosta de mato e “ar limpo”. Falou também sobre festas na igreja em que ele e a esposa participam (ele é cristão). Sua esposa também trabalha, ela é esteticista e formada em enfermagem.

E8 - Aposentado e veio de outra cidade para o bairro há cerca de um ano e meio. Trabalha com “bicos”, serviços rurais e de construção civil. Relata trabalhar por todo o município, dizendo conhecer toda a cidade. Vai para o trabalho de Uber, dividindo com os outros trabalhadores. No seu tempo livre gosta de caminhar e ir até o bar do Liosmar, também faz trabalho voluntário na reforma da Igreja Santa Rita. Diz não passar muitos ônibus pelo bairro, apenas dois. Ele já não paga mais a passagem, que passou de 3,50 para 3,95.

E9 - Trabalha há 20 anos na prefeitura como merendeira. Trabalhou na escola anterior e mudou-se junto com o restante da Umbelina em 2012. Disse que seu trabalho ajuda na sua socialização, que mais pessoas a conhecem por conta de trabalhar na escola, que quando ela sai na rua com os filhos, o pessoal grita “ah lá o filho da tia”. Disse que muitos funcionários e professores moram no mesmo bairro, ali nos arredores, então todos tem um vínculo muito forte, que são praticamente vizinhos, que às vezes ela passa mais tempo junto com os funcionários da escola do que com a própria família. No seu tempo livre ela não costuma sair, fica em casa resolvendo os trabalhos de casa, descansando e quando tem um tempo maior, ela gosta de ir para o sítio que a família dela tem. Falou que a escola é como se fosse a extensão da família dos alunos, que muitos tratam ela como se fosse mãe.

E10 – Professora no ensino infantil da escola Umbelina. No trabalho ela se sente muito realizada, já teve a oportunidade de trabalhar na supervisão anteriormente, mas gosta mesmo é de estar em sala de aula. Ela falou que teve oportunidade de fazer outros cursos, como direito, mas que não se identificou. Ressaltou a autonomia nos processos avaliativos nos primeiros

anos como um ponto positivo e por isso prefere trabalhar com essa faixa etária. Ela disse como é importante para ela ver seus alunos crescendo e se tornando boas pessoas, conscientes e que isso para ela é fundamental no trabalho. Como ela reside no bairro, ela vai trabalhar a pé, mas as vezes pega carona com o marido. Disse que o filtro foi fundamental no seu trabalho porque antes absorvia muito as coisas que ocorriam, principalmente com os alunos marginalizados. Disse que como professora, sente que é referência para muita gente e, portanto, é fundamental que mantenhamos nossa essência. Ela também trabalha em outra escola da rede privada, que está há quase 2 km de distância, mas que ela pega carona com o marido, entretanto às vezes volta a pé. Ela é cristã, católica, e a ida à igreja para ela foi comentada como um dos momentos de lazer, algo que ela faz quando não está trabalhando.

E11 - Trabalha com venda de máquinas agrícolas ali no bairro mesmo e as demais pessoas da sua família também trabalham por perto, não precisando se locomover à grandes distâncias.

E12 – Relatou que não trabalha, apenas estuda. Durante o dia ela cuida dos primos pequenos para a tia, inclusive leva e traz eles na escola Umbelina. De noite ela estuda para ser técnica em enfermagem, e vai de ônibus, segundo ela o transporte público no bairro funciona muito bem.

E13 – Casal: Ele trabalhou durante 50 anos como marceneiro no bairro Nova Lavras. Depois que se aposentou, ainda trabalhou durante um tempo com isso, mas hoje em dia não trabalha mais. O casal tem dois filhos que seguiram também o caminho da marcenaria, trabalham a mais de 30 anos no local. Hoje em dia, às vezes ele capina um lote, mas no geral trabalha só em casa, trata dos animais, das plantas. Quando ele disse que arrumava a casa para a esposa, ela respondeu: "Para mim não, para a casa!". Ela trabalha com vendas e revende produtos naturais da "linha de saúde total", feitos em uma cidade vizinha. Ela é conhecida no bairro inteiro por revender estes produtos, vendeu por cerca de 30 anos, mas depois que teve problemas no coração, ela diminuiu a frequência e a distância dos lugares que vende. No tempo livre eles gostam de ficar com a família, ver TV e cuidar das plantas.

E14 - Atualmente trabalha como motorista e ajudante, numa loja de materiais de construção do bairro e disse que não tem do que reclamar, pois o antigo trabalho impossibilitava passar tempo com a família pois trabalhava como gerente de um posto de combustível numa rodovia e que agora ele tem mais tempo para passar com a família.

E15 - Sobre o trabalho, ela explicou que é contratada pela prefeitura para cuidar do patrimônio, mas que está sempre envolvida com os alunos e a comunidade escolar, e sempre que necessário auxilia nas questões que vão além das obrigações propostas. Como auxílio dos alunos e pais, afirmou que se sente realizada em seu trabalho, pontuando a relação com as crianças.

E16 - Ela e o marido tem uma mercearia que usam para o sustento. Tem veículo próprio então não necessitam de utilizarem o transporte público para ir trabalhar. O filho vai pra UFLA de carro, diz que o combustível está caro, mas que pelo menos moram perto da mercearia. Ela passa muito tempo lá, das 6 da manhã até 7 da noite, mas não caracterizou este tempo como um trabalho, e sim como uma “ajuda”. No tempo livre gosta de ler e ver filmes. Aos finais de semana vão para o sítio da sogra, onde plantam os alimentos orgânicos que vendem na mercearia.

E17 - Sem dados.

E18 – Mulher, relatou não trabalhar, que só faz atividades em casa. Disse ter ônibus que passa pela comunidade 40 em 40 minutos. Usam o ônibus para ir até o centro. A filha que mora no bairro trabalha no centro e vai de ônibus, o patrão oferece o vale transporte. O marido é pedreiro e trabalhava em construtoras, principalmente na responsável pela construção da UFLA, e diversas construções pela cidade. Segundo ela, antigamente ele ia trabalhar de bicicleta na cidade de Ribeirão Vermelho por não haver dinheiro para o ônibus. No tempo livre diz sempre irem até a UFLA “sentar debaixo das árvores” e também visitam os filhos.

E19 - Trabalha como secretária da escola Umbelina desde 2011. Diz que a secretaria é o coração da escola, onde estão todas as informações. Se houver algum erro na secretaria isso irá refletir lá na frente. Muitas vezes a secretaria não é valorizada, não veem a importância que tem esse trabalho. Só quem está dentro da escola que conhece. O trabalho da secretaria tem impacto não só na vida dos alunos, mas também dos funcionários. Mora perto da escola, pra subir gasta 10 minutos, pra descer apenas 5. Quando a escola era menor a secretaria assumia vários papéis: ficar no portão na entrada e saída de alunos, acompanhamento dos alunos, atendimento aos pais, etc. Ela tem formação administrativa, mas não pedagógica. Mas aprendeu muito com a supervisão, direção e com os professores. Seus dias são bem corridos. Diz que é mãe de três (se contar o marido), dona de casa, esposa, trabalhadora, muito ativa na Igreja e faz crochê para vender. Disse que não sobra tempo para quase nada. Frequenta a

Igreja todas as noites e aos sábados. A segunda-feira é o único dia que sobra a noite para visitar a irmandade. Nas terças e sextas-feiras frequentam o culto na Igreja no Vale do Sol. Quarta-feira tem aula de música de seu filho na Igreja. Na quinta-feira ela dá aula de música para as meninas da Igreja, mas disse que não tem formação musical. No sábado seu marido trabalha o dia todo com construção do prédio da Igreja - que atualmente funciona num cômodo alugado - e ela de manhã dá aula de música em outra igreja. No domingo sua família vai para a igreja de manhã e ela fica por conta de cuidar da casa. Contou que não se recebe para trabalhar na igreja, todos os cargos são voluntários. Disse ser muito trabalho, mas que é prazeroso. Pode estar muito cansada, mas esquece da hora quando está dando suas aulas de música. Quando ela fala com relação à escola: Os professores mudaram muito. Existem poucos professores efetivos e muitos contratados. Os professores contratados nem sempre conseguem permanecer no mesmo lugar, havendo uma troca muito grande. Mas a essência da escola permaneceu desde seu surgimento em relação ao cuidado com o aluno/pessoa. Disse que os professores devem apresentar números, são cobrados pela secretaria municipal que por sua vez é cobrada pela secretaria municipal e o INEP cobra de todos. Mas que ainda existem professores que querem que o aluno aprenda. Disse que não coloca seus filhos na escola privada porque a formação dos professores do município é superior à formação dos professores que trabalham na escola particular.

E20 - Trabalha numa loja de construção do bairro. A loja é próxima da sua casa e ele consegue ir a pé. Trabalha como ajudante e de vez em quando como motorista. Ele disse gostar do trabalho. Trabalhou 18 anos como gerente de posto, mas teve que arrumar outro serviço por conta de problemas familiares. Agora está melhor pois pode estar perto das crianças. Onde trabalhava anteriormente era muito sozinho e ficava longe da família. “Eu sou pai e mãe dos meus três filhos, então o tempo que tenho livre é muito curto.”

E21 - Professor de Geografia na escola Umbelina e se sente realizado com seu trabalho. Geralmente vai caminhando até o serviço, mas como recentemente está levando a filha até a escola, está indo de carro. No seu tempo livre, ele vai até o sítio que ele tem na área rural da cidade, localizado próximo ao poço bonito. Disse que vai com bastante frequência ao sítio, fazendo o manejo da sua horta, cuidando dos seus cavalos e cuidando do espaço que tem uma nascente e um riacho com presença de mata ciliar.